

PSICANÁLISE, CULTURA, GÊNERO E CLÍNICA

in: PSICANÁLISE, CULTURA & CLÍNICA. KAMERS, M; COUTINHO JORGE, M-A; MARINI MARIOTTO, R. (orgs.).
Salvador: Ágalma, 2022, p. 199-213.

*Paulo Roberto Ceccarelli**

A teoria psicanalítica deve permanecer sempre aberta a reorganizações e re-escritas que confrontem as certezas conceituais do/a analista à análise da transferência. (Ayouch)¹

Introdução

Transitar pelos temas propostos no título deste trabalho é, no mínimo, desafiador. Ainda que tópicos aí envolvidos possam ser discutidos separadamente por questões didáticas, eles se sobrepõem de tal forma que tratar um deles afeta, necessariamente, a abordagem dos outros. Discutirei cada um separadamente para, no final, relacioná-los.

A frase em epígrafe dá o tom da empreitada: em suas origens, a psicanálise foi marcada por sua posição marginal em relação a outros discursos da época, assim como pela sua aversão a toda e qualquer forma de dogmatização, de estigmatização, enfim, de patologização. Com o passar do tempo, contudo, a psicanálise foi atropelada pelos instrumentos de controle biopolítico vigentes, produzindo leituras enviesadas do freudismo original. Nunca é demais lembrar a máxima do pensamento freudiano: à psicanálise cabe, apenas, "revelar os mecanismos psíquicos que levaram à decisão sobre a escolha de objeto e em rastrear seus caminhos até as disposições pulsionais"².

Ainda é comum assistirmos a um retrocesso intelectual que leva alguns psicanalistas a se tomarem por guardiões de uma ordem social tida por imutável, na qual posições subjetivas não são levadas em consideração, e os avanços libertadores de Freud, sobretudo no que diz respeito às relações entre moral sexual cultural e o nervosismo moderno são simplesmente ignorados³.

As considerações acima anunciam as dificuldades que nos esperam ao trabalharmos com as duas dimensões do psiquismo, os processos primários e os secundários, ou seja, as duas representações de realidade, no sentido quântico da palavra, presentes nas concepções

¹ AYOUCH, Thamy. *Psicanálise e homossexualidades: teoria, clínica e biopolítica*. Curitiba: CRV, 2015. p.12.

² FREUD, Sigmund. Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina [1920]. In:_____. *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. v.5: Neurose, psicose, perversão, p. 188

³ FREUD, S. Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna [1908]. In:_____. *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. v. Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos.

psicanalíticas⁴. As mobilidades discursivas, sempre em movimento, produziram novas representações pulsionais que possibilitaram mudanças sociais como, por exemplo, a despatologização das homossexualidades e, mais recentemente, das transexualidades.

Cultura e trabalho de cultura (*Kulturarbeit*)

Em um primeiro momento, Freud acreditava em um progresso da civilização, decorrente do trabalho de cultura (*Kulturarbeit*) até que, no verão de 1915 em plena Primeira Guerra Mundial, essa ideia começa a vacilar. Na ocasião, ele escreve um de seus textos mais pungentes e, ao mesmo tempo, mais amargos: “Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte”⁵. O texto é marcado por uma preocupação mais realista com os elementos pulsionais presentes nos conflitos inerentes à cultura e retrata a falência do processo civilizatório, teorizado até então. Freud constata que, de um lado, são justamente as nações mais civilizadas, as mais "iluminadas", que estão em guerra; e que as brutalidades e horrores que não se acreditava possíveis, são perpetrados justamente pelos Estados supostos baluartes da civilização. A atualidade deste texto é desconcertante.

Mas Freud não abandona sua aposta no trabalho de cultura: ele dominaria o pulsional, retornando-o sob o modo sublimatório, o que garantiria o pacto civilizatório. Se é verdade que neste processo o sujeito perde devido às limitações impostas às satisfações pulsionais, ele também ganha ao transformar o pulsional em força de trabalho.

O trabalho da cultura traduz uma posição libidinal que nos leva, através da repressão das pulsões (*Unterdrückung von Trieben*), a regulamentar, por um lado, as relações entre os homens e, por outro, a tirar proveito das forças da natureza. Essa noção, situada entre interesses individuais e os de grupo, garantiria a satisfação coletiva à custa da renúncia, ainda que parcial, de satisfações dos impulsos egoístas e agressivos, tornando a vida comunitária suportável⁶.

⁴ CECCARELLI, Paulo R. Don Quixote e a transgressão do saber. *Revista Mal-estar na Subjetividade*, Fortaleza, v.9, n.3, p.917-937, set.2009; ANDRADE, Eduardo L.; CECCARELLI, Paulo R. O sexual, a sexualidade e suas apresentações na atualidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v.21, n.2, p.229-250, jun., 2018.

⁵ FREUD, S Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte [1915]. In._____. *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. v. Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos, p.99-135.

⁶FREUD, S. Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna [1908]. In._____. *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. v. Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos.p.65-98.

Na Conf. XXXI, “A dissecação da personalidade”⁷, Freud descreve o trabalho de cultura utilizando, como exemplo, a drenagem do *Zuider Zee* que transformou parte do mar em terra cultivável. Este é o propósito da sublimação: criar novos destinos pulsionais e transformar moções pulsionais inutilizáveis em criações culturais. Graças ao trabalho de cultura, o princípio de prazer é substituído pelo de realidade, que se estabeleceu pela “coerção e renúncia das pulsões”⁸.

A renúncia pulsional só pode ocorrer via introjeção das representações culturalmente aceitas, em detrimento do narcisismo primário: a constituição do sujeito, a aquisição da linguagem e, conseqüentemente, o acesso ao simbólico. O recalque, condição própria à existência da cultura e dimensão constitutiva do sujeito, leva-nos a abandonar nossos primeiros objetos sexuais, “o que constitui, talvez, a mutilação mais drástica que a vida erótica do homem em qualquer época já experimentou”⁹.

O “mal-estar” daí advindo expressa-se por uma agressividade estrutural, e só pode ser pensado a partir da experiência subjetiva, pois implica o sujeito¹⁰. Esta agressividade guarda relação direta com o modo narcísico de identificação: o diferente, o outro, o que nos remete à castração, transforma-se em alvo por excelência de nossa agressividade: somos agressivos por sermos castrados.

Breves reflexões sobre o gênero

O conceito de *gênero* foi desenvolvido, na primeira metade do século XX, por médicos que acolhiam recém-nascidos com má formação na genitália externa. Essas crianças, inicialmente chamadas de hermafroditas e posteriormente de intersexuais, deveriam ser cirurgicamente “corrigidas” para sexo masculino ou feminino¹¹. Sustentados pela clínica, John Money¹² e Stoller¹³ tiveram grande influência nas discussões sobre gênero daquela época. Para Stoller, a

⁷ FREUD, S. Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica [1933]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.XXII: Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise, p.102

⁸ FREUD, S. O futuro de uma ilusão [1927]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p.17.

⁹ FREUD, S. O mal-estar na civilização [1930]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974; *Neuroses de transferência: uma síntese*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. p.124.

¹⁰ LACAN, Jacques. L’agressivité en psychanalyse. In: _____. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

¹¹ CECCARELLI, P. R. Transexualidades e mudanças discursivas. *Estudos de Psicanálise*, n. 47, p. 83-90, jul. 2017.

¹² MONEY, John. *Clinical Concepts of Sexual/Erotic Health and Pathology, Paraphilia, and Gender Transposition in Childhood, Adolescence, and Maturity*. New York: Irvington, 1986.

¹³ STOLLER, Robert. Faits et hypothèses: un examen du concept freudien de bisexualité. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, Paris: v. 7, p. 138, 1973; *Sex and Gender the Transsexual Experiment I*. Michigan: Rowman &

"identidade de gênero" não dependia do sexo biológico de nascença, além de não possuir nenhuma causalidade natural, hormonal ou genética: "a anatomia não é, de fato, o destino. O destino vem do que os homens fazem da anatomia"¹⁴.

Aos poucos, o *gênero* foi sendo incorporado pelos Movimentos Feministas e por correntes teóricas no campo das Ciências Sociais, ganhando o *status* de conceito¹⁵.

A emblemática frase *On ne naît pas femme, on le devient* (*Não se nasce mulher, mas se torna mulher*)¹⁶, citada na obra mundialmente conhecida *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir¹⁷, é considerada como o início dos estudos de gênero, embora o termo não apareça nesse livro. Nele, a autora discorre a respeito da primazia do social sobre o biológico na construção das relações de gênero.

De algumas décadas para cá, os *Estudos de Gênero*, as *Teorias Queer*¹⁸, e as *Teorias Críticas* têm reavaliado o sistema hegemônico sexo/gênero. Butler¹⁹ sustenta que não existem "relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo", e os caminhos identificatórios das referências de gênero devem ser pensados como independentes do sexo anatômico. Para essa autora, o sexo é tão historicizável quanto o gênero por responder a ideologias de poder. Com isso, as modalidades de se vivenciar a sexualidade devem ser repensadas, levando a uma reavaliação dos atributos sociais e do binarismo de gênero²⁰.

Juntam-se a isso, os movimentos que promoveram uma releitura das referências simbólicas que vinham sendo utilizadas para nos deslocarmos no mundo, o que nos leva a repensar as "múltiplas faces de Eros"²¹. A partir daí, certas práticas sexuais tradicionalmente

Littlefield, 1975; *Sex and Gender the Transsexual Experiment II*. Jason Aronon, 1976.

¹⁴ STOLLER, R. *Sex and Gender the Transsexual Experiment I*, op. cit., p.150.

¹⁵ O conceito de gênero é uma construção sociológica relativamente recente no Brasil, ante a necessidade de se diferenciar o sexo biológico dos papéis sociais femininos e masculinos (BANCO MUNDIAL, 2003).

¹⁶ À afirmação de Simone de Beauvoir – *Não se nasce mulher, mas se torna mulher*, Butler acrescenta que nada nos autoriza a afirmar que "o 'ser' que se torna mulher seja necessariamente fêmea" (BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade* [1990]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 27).

¹⁷ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo* [1949]. São Paulo: Nova Fronteira, 2012.

¹⁸ *Queer* (estranho, bizarro) era inicialmente utilizado como um insulto homofóbico. Mais tarde, passou a ser utilizado por homens e mulheres negros do Harlem com práticas sexuais consideradas "desviantes".

¹⁹ BUTTLER, J. *Problemas de gênero*, op.cit., p.38

²⁰ Cf. LAQUEUR, Thomas. *La fabrique du sexe*. Paris: Gallimard, 1992; BUTLER, J. *Bodies that matter: on the discursive limits of sex*. New York: Routledge, 1993; *Undoing Gender*. Routledge: New York, 2004; Le transgenre et "les attitudes de révolte. In: DAVID-MENARD, Monique (Org.). *Sexualités, genres et mélancolie...* Paris: Campagne-Première, 2009; FRAISSE, Geneviève. *La différence des sexes*. Paris: PUF, 1996; BERTINI, Marie-Joseph. *Ni d'Eve ni d'Adam: défaire la différence des sexes*. Paris: Max Milo, 2009; SOUSA FILHO, Alípio de. *Tudo é construído! Tudo é revogável!* A teoria construcionista crítica nas ciências humanas. São Paulo: Cortez, 2017.

²¹ McDOUGALL, Joyce. *As múltiplas faces de Eros*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1997.

qualificadas como perversas, ganharam novas leituras, afetando diretamente o modelo heteronormativo e cisnormativo.

Temos também o cibersexo, tão presente no mundo virtual e na internet, que se vem transformado em um espaço privilegiado para as manifestações de diversas subjetividades e diferentes modalidades de gênero. No mundo virtual, a imaginação não tem limites e tudo é possível. Todas as fantasias podem ser satisfeitas, e cada um é livre para escolher seu sexo, seu gênero, sua identidade, subjetiva e/ou sexual, assim como sua orientação sexual. Para alguns autores, em um futuro não muito distante, a hibridação entre corpo e máquina anulará de vez a dicotomia sexo/gênero, fazendo com que a realidade virtual termine não apenas com a diferença sexual e com o binarismo, mas também com o corpo tal como o investimos hoje²².

Gênero e psicanálise

Acredita-se que a noção de gênero e, conseqüentemente, uma "teoria de gênero" estaria ausente no pensamento freudiano. Entretanto, se para Freud "a anatomia faz parte do destino humano, esta não pode, em hipótese alguma, permanecer, para cada ser humano, um horizonte insuperável"²³.

Uma leitura atenta dos textos freudianos, sobretudo a partir das novas traduções diretamente do alemão, ou mesmo no texto original, revelam um o outro cenário²⁴. Apenas dois exemplos aos quais poderíamos acrescentar muito outros: em português, o termo "sexo", presente no título do *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie – Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (melhor seria "sobre a teoria sexual"²⁵), é também usado no segundo ensaio deste texto, quando Freud critica "a ideia popular sobre pulsão sexual"²⁶ – *Der populären Theorie des Geschlechtstriebes*. No texto sobre o narcisismo, Freud²⁷ estuda o tema por três caminhos: o terceiro é *Das Liebeslebens der Geschlechter*. Enquanto na *Edição Standard* esta passagem foi traduzida por "a vida erótica dos sexos"²⁸, na tradução das *Obras Psicológicas*

²² MASSACRIER, Christel; RASSIAL, Jean-Jacques. De la déconstruction du genre au posthumain: quels enjeux pour la psychanalyse? *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v.22, n.2, p.314-332, jun., 2019.

²³ ROUDINESCO, Élisabeth. *Soi-même comme un roi*. Paris: Seuil, 2021 p.31 (eBook).

²⁴ CECCARELLI, Paulo R.; SARTORI, João E. *A feminilidade* (1933): uma "virada subversiva" na teorização freudiana e a elaboração psicanalítica do gênero. *Reverso*, Belo Horizonte, n.81. No prelo.

²⁵ FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade [1905]. In. _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago. 1974.

²⁶ Id., *ibid.*, p.177

²⁷ FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução [1914]. In. _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

²⁸ Id., *ibid.*, p.98.

*Completas*²⁹, coordenada por Luiz Hanns, lê-se: "a vida amorosa entre gêneros". Nos dois casos, a *Standard* traduz *Geschlecht* por *sexo*. Contudo, em alemão, *Geschlecht* pode designar tanto sexo quanto gênero, o que sugere que a tradução mais adequada seria: *a teoria popular sobre o gênero*.

No texto "Sobre as teorias sexuais infantis", Freud³⁰ se refere a uma forma de classificação que ocorreria antes da percepção da anatomia e que, muito provavelmente, se dá segundo o gênero. Neste sentido, o gênero viria primeiro, embora seja o sexo que o determine: é a partir da percepção anatômica, que o gênero é atribuído ao recém-nascido³¹.

Em Lacan³², encontramos uma passagem no *Seminário 11* que, sem dúvida, nos remete a questões de gênero: "no psiquismo não há nada pelo que o sujeito possa situar-se como ser de macho ou ser de fêmea [...] aquilo que se deve fazer, como homem ou mulher, o ser humano terá sempre que aprender, peça por peça, do Outro".

A partir dessa brevíssima digressão sobre as questões de gênero, deveríamos acrescentar à célebre pergunta "o que quer uma mulher", uma outra: "o que quer um homem", pois os "destinos" das identificações devem ser repensados, posto que uma categoria só existe em relação à outra³³. Nesta linha de raciocínio, as fórmulas de sexuação propostas por Lacan representariam *uma* teoria sobre a diferença, mas não *um universal* de subjetivação³⁴. Embora não se possam negar as importantes contribuições de Lacan para definir o complexo terreno da sexuação,

[...] no vazio do indizível, há um potencial infinito de possibilidades. Na tentativa de dar conta, Lacan escolheu esta. O que se trata aqui, então, é produzir reflexões acerca do lugar de onde partem os pensamentos a respeito da construção dos sujeitos, ampliando os caminhos possíveis, sem que se caia necessariamente na dicotomização.³⁵

²⁹ FREUD, S. À guisa de introdução ao narcisismo [1914]. In: _____. *Obras psicológicas*. Coordenação geral de tradução de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004, v.1(1911-1915): Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente, p. 95-131. p.103.

³⁰ FREUD, S. Sobre as teorias sexuais infantis [1908]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976..

³¹ LAPLANCHE, Jean. El género, el sexo, lo sexual. *Alter: El Género en la Teoría Sexual*. Madrid, n.2, [p.1-15], sept. 2006. Disponível em: <https://revistaalter.com/revista/el-genero-el-sexo-lo-sexual-2/937/>.

³² LACAN, J. *O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1964]. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p.228-229.

³³ CECCARELLI, P. R. Onde se situa a diferença? *Polêmica*, v. 7, p. 53-66, 2008.

³⁴ TORT, Michel. Quelques conséquences de la différence "psychanalytique" des sexes. *Les Temps Modernes*, Paris, n. 609, p. 176-215, juin/juillet/août 2000.

³⁵ CATÃO, Priscila L. *A Fórmula da Sexuação e a Teoria de Gênero*: algumas problematizações. Comunicação apresentada no XX Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise e XXXI Jornada de Psicanálise do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, 27 ago. 2013. Disponível em: <http://www.cbp.or.br>.

As fórmulas de sexuação de Lacan tornam-se problemáticas ao conceber, como únicas possibilidades de estruturações, ser homens e/ou mulheres, e o que fica fora, como as transexualidades, é colocado no campo das psicoses³⁶.

Ainda que a existência da diferença anatômica não esteja em questão, quando nos referirmos a ela em termos de "fálico" x "castrado", "presença" x "ausência", sustentamos um discurso que anula a diferença e valoriza um sexo (o que possui, o que não é castrado) em detrimento do outro (o que não possui, o castrado). Essa maneira de tratar a diferença traduz uma dimensão política, produtora de um dispositivo simbólico que ratifica a desigualdade entre os sexos e entre os gêneros³⁷.

Se os debates sobre as questões de gênero não forem incluídos na psicanálise, incorreremos no mesmo equívoco, de consequências não menos graves, que os denunciados por Freud nos “Três Ensaio”, ao dizer, à moral, à religião, à opinião popular e à biologia, o quanto estão equivocadas em relação a uma suposta "natureza" da sexualidade humana. Parafrazeando Freud, acrescentaríamos que acreditar que as expressões de gênero deveriam, naturalmente, corresponder à anatomia é uma “fábula poética”³⁸.

As teorias de gênero se revelam um potente auxiliar para pensarmos os novos caminhos pulsionais e reavaliarmos as relações entre corpo, sexo, construções identitárias, novas conjugabilidades e discurso do poder. E ainda que muitos psicanalistas insistam em não querer enxergar este ponto, é hora de fazê-lo, pois o desejo inconsciente segue seu caminho.

Considerações clínicas e um final provisório

Se chamamos de "final provisório" as considerações que faremos, é por entendermos que quando trabalhamos com o inconsciente qualquer posição conclusiva seria, no mínimo, pretensiosa. As tentativas de "alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”³⁹ não é uma tarefa fácil devido às identificações presentes na construção da subjetividade do analista, das quais fazem parte os ideais constitutivos do supereu e seu sistema de valores⁴⁰. Não alcançar a subjetividade de sua época significa, também, aferrar-se à psicanálise como um saber que exclui todos os outros, elimina outras leituras do real e impede o sujeito de refletir

³⁶ MILLOT, Catherine. *Horsexe: essai sur le transsexualisme*. Paris: Point Hors Ligne, 1983.

³⁷ BERTINI, M.-J. *Ni d'Ève ni d'Adam...*, op. cit.

³⁸ FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade [1905], op. cit., p.136.

³⁹ LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise [1953]. In. _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.322

⁴⁰ McDOUGALL, Joyce. ... aussi marginal et fou fût-il. *Psychanalyse à L'université*, Paris, v.10, n.38, p. 213-218, abr.1985.

sobre suas certezas.

Se há um ponto que aproxima as teorias de gênero e certos questionamentos da psicanálise é que ambas se interrogam sobre como a criança perverso-polimorfa, marcada pela bissexualidade, torna-se um ser sexuado. Como a homossexualidade se constitui a partir da bissexualidade latente?

O caráter incerto da masculinidade e da feminilidade, assim como a dificuldade em se definir masculino e feminino, deve-se à independência da realidade anatômica. A significação dessas noções traduz convenções culturalmente construídas, resultados de processos complexos que vão mais além que predisposições e determinações instintuais e geneticamente herdadas. Ademais, se o que se deve fazer, como homem ou mulher, terá de ser aprendido peça por peça do Outro: "masculinidade" e "feminilidade" são pontos imaginários de chegada, e não pontos de partida. Cada subjetividade é uma construção única tributária da particularidade dos processos identificatórios, das escolhas objetais e da organização sociocultural na qual a criança, candidata a sujeito, está inserida.

Para a psicanálise, as questões ligadas ao gênero não guardam relações diretas com o corpo biológico, o que faz que todo ser falante, independentemente de sua "identidade de gênero" (trans ou cis), trará sempre um sentimento de estranheza (*Unheimlich*) oriundo do real do sexo. Reencontramos aqui, dito de outra forma, a passagem de Freud, já citada, sobre seguir os caminhos pulsionais que levaram à determinada escolha de objeto. Tais caminhos, considerados a partir das dinâmicas inconscientes e (re)construídos na análise, dizem respeito ao que chamo de "berço psíquico": o lugar que a criança ocupa, a partir da interpretação que ela faz do desejo do Outro (a alienação no desejo do Outro). Ou seja, de quem lhe deu vida psíquica e o acolheu, ou não, no mundo⁴¹.

Se "a psicologia individual é também, de início, simultaneamente psicologia social"⁴², só podemos alcançar a subjetividade de nossa época repensando nossas posições teórico-clínicas convencionais, sempre atentos às mudanças sociais. Ainda que as questões ligadas às construções identitárias e à chamada "escolha sexual" existam desde a aurora da humanidade⁴³, algumas destas posições libidinais têm-se tornado cada dia mais evidentes no tecido social, devido aos movimentos sociais resultantes de lutas políticas. Sujeitos transgêneros, transexuais, sujeitos não binários, homem com vagina, mulher com pênis e

⁴¹ CECCARELLI, Paulo R. Configurações edípicas da contemporaneidade: reflexes sobre as novas formas de filiação. *Pulsional Revista de Psicanálise*, São Paulo, v, 161, p. 88-98, set. 2002.

⁴² FREUD, S. Psicologia das massas e análises do Eu [1921]. In: _____. *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. v. Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos, p.137.

⁴³ GREGERSEN, Edgar. *Práticas sexuais: a história da sexualidade humana*. São Paulo: Roca, 1983.

outras tantas designações que se fazem cada vez mais presentes no cotidiano da clínica traduzem modalidades contemporâneas de alienação, sempre tributárias do desejo do Outro. Se, até bem pouco tempo, tais sujeitos eram classificados como portadores de um distúrbio, de uma disforia, entre outros, as contribuições inter e transdisciplinares recentes têm levado os psicanalistas a reverem suas posições. Fica a pergunta: se, como vimos, o real do sexo nunca é objetivável, e o gênero é performativo, o que haveria de "patológico" em um sujeito cuja *performance* reflete o imaginário atribuído à feminilidade, mas que diz se sentir homem? (A menos, é claro, que ele lhe traga um sofrimento neurótico). Ou mulheres trans que, após a cirurgia que lhe atribui caracteres anatômicos femininos, mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres? Ou vice-versa?

Que tais constatações clínicas nos incentivem a rever as bases que sustentam nossos "critérios de diagnósticos", o que inevitavelmente nos levará a questionar sobre os parâmetros de normalidade que sustentam nossas classificações, assim como, para alguns psicanalistas, a pertinência à noção de estrutura⁴⁴.

Sobre o autor:

Paulo Roberto Ceccarelli é psicólogo e psicanalista. Doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise – Universidade de Paris 7 – Diderot. Pós-doutor – Universidade de Paris 7. Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental. Professor e orientador de pesquisas do Mestrado de Promoção de Saúde e Prevenção da Violência/MP – Faculdade de Medicina /Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor e orientador de pesquisas na pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Membro do Programa Antártico Brasileiro. Sócio Fundador do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA). Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG). Membro da *Société de Psychanalyse Freudienne*, Paris, França. Diretor científico da Clínica Ampliada de Saúde Mental. (CASM). Coordenador do Instituto Mineiro de Sexualidade (IMSEX).

Referências

ANDRADE, Eduardo L.; CECCARELLI, Paulo R. O sexual, a sexualidade e suas apresentações na atualidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v.21, n.2, p.229-250, jun. 2018.

AYOUCH, Thamy. *Psicanálise e homossexualidades: teoria, clínica e biopolítica*. Curitiba: CRV, 2015.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo* [1949]. São Paulo: Nova Fronteira, 2012.

⁴⁴ Para uma crítica à noção de estrutura em Lacan, ver: VAN HAUTE, Philippe. Lacan encontra Freud? Reflexões psicanalíticas sobre o estatuto das perversões na metapsicologia lacaniana. Tradução Hugo Lana. *Lacuna: uma Revista de Psicanálise*, 28 abr. 2017. Disponível em: <https://revistalacuna.com/2017/04/28/n3-01>.

BERTINI, Marie-Joseph. *Ni d'Eve ni d'Adam: défaire la différence des sexes*. Paris: Max Milo, 2009.

BANCO MUNDIAL. *Relatório de 2003: A questão de gênero no Brasil*. Disponível em: <http://documents.worldbank.org/curated/pt/353511468213264187/pdf/333410Portuguese0BR0questao0de0genero.pdf>. Acesso em: 12 dez.2020.

BUTLER, Judith. *Bodies that matter: on the discursive limits of sex*. New York: Routledge, 1993.

BUTLER, Judith. Le transgenre et “les attitudes de révolte. In: DAVID-MENARD, Monique (Org.). *Sexualités, genres et mélancolie: s’entretenir avec Judith Butler*. Paris: Campagne-Première, 2009.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade* [1990]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. *Undoing Gender*. New York: Routledge, 2004.

CATÃO, Priscila L. *A Fórmula da Sexoção e a Teoria de Gênero: algumas problematizações*. Comunicação apresentada no XX Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise e XXXI Jornada de Psicanálise do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, 27 ago. 2013. Disponível em: <http://www.cbp.or.br>.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Configurações edípicas da contemporaneidade: reflexes sobre as novas formas de filiação. *Pulsional Revista de Psicanálise*, São Paulo, v, 161, p. 88-98, set. 2002.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Don Quixote e a transgressão do saber. *Revista Mal-estar na Subjetividade*. Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 917-937, set. 2009.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Onde se situa a diferença? *Polêmica*, n. 7, p. 53-66, 2008.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Transexualidades e mudanças discursivas. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 47, p. 83-90, jul. 2017.

CECCARELLI, Paulo Roberto; SARTORI, João Eduardo. A feminilidade (1933): uma "virada subversiva" na teorização freudiana e na elaboração psicanalítica do gênero. *Reverso*, Belo Horizonte, n. 81. No prelo.

FRAISSE, Geneviève. *La différence des sexes*. Paris: PUF, 1996.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade [1905]. In. _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago. 1974. v. VII.

FREUD, Sigmund. Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna [1908]. In. _____. *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. v. Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos.

FREUD, Sigmund. Sobre as teorias sexuais infantis [1908]. In. _____. *Edição standard*

brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.IX.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução [1914]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.v.XIV.

FREUD, Sigmund. À guisa de introdução ao narcisismo [1914]. In: _____. *Obras psicológicas*. Coordenação geral de tradução de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v.1(1911-1915): Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente, p. 95-131.

FREUD, Sigmund. Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte [1915]. In: _____. *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. v. Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos, p.99-135.

FREUD, Sigmund. Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina [1920]. In: _____. *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. v.5: Neurose, psicose, perversão.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análises do Eu [1921]. In: _____. *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. v. Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos, p.137-232.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão [1927]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.XXI.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização [1930]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.XXI.

FREUD, Sigmund. Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica [1933]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.v.XXII: Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise:

GREGERSEN, Edgar. *Práticas sexuais: a história da sexualidade humana*. São Paulo: Roca, 1983.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise [1953]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.238-324.

LACAN, Jaques. *La relation d'objet: Séminaire Livre IV [1956-1957]*. Paris: Seuil, 1994.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise [1964]*. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. L'agressivité en psychanalyse. In: _____. *Écrits*. Paris : Seuil, 1966.

LAPLANCHE, Jean. El género, el sexo, lo sexual. *Alter: El Género en la Teoría Sexual*. Madrid, n.2, [p.1-15], sept. 2006. Disponível em: <https://revistaalter.com/revista/el-genero-el-sexo-lo-sexual-2/937/>.

LAQUEUR, Thomas. *La fabrique du sexe*. Paris: Gallimard, 1992.

MASSACRIER, Christel; RASSIAL, Jean-Jacques. De la déconstruction du genre au posthumain: quels enjeux pour la psychanalyse? *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v.22, n.2, p.314-332, jun., 2019.

McDOUGALL, Joyce. *As múltiplas faces de Eros*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1997.

McDOUGALL, Joyce. ... aussi marginal et fou fût-il. *Psychanalyse à L'université*, Paris, v.10, n.38, p. 213-218, abr.1985,.

MILLOT, Catherine. *Horsexe: essai sur le transsexualisme*. Paris: Point Hors Ligne, 1983.

MONEY, John. *Clinical Concepts of Sexual/Erotic Health and Pathology, Paraphilia, and Gender Transposition in Childhood, Adolescence, and Maturity*. New York: Irvington, 1986.

ROUDINESCO, Élisabeth. *Soi-même comme un roi*. Paris: Seuil, 2021 (eBook).

SOUSA FILHO, Alípio de. *Tudo é construído! Tudo é revogável! A teoria construcionista crítica nas ciências humanas*. São Paulo: Cortez, 2017.

STOLLER, Robert. Faits et hypothèses: un examen du concept freudien de bisexualité. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, Paris, v. 7, p. 138, 1973.

STOLLER, Robert. *Sex and Gender the Transsexual Experiment I*. Michigan: Rowman & Littlefield, 1975.

STOLLER, Robert. *Sex and Gender the Transsexual Experiment II*. Jason Aronon, 1976.

TORT, Michel. Quelques conséquences de la différence “psychanalytique” des sexes. *Les Temps Modernes*, Paris, n. 609, p. 176-215, juin/juillet/août 2000.

VAN HAUTE, Philippe. Lacan encontra Freud? Reflexões patoanalíticas sobre o estatuto das perversões na metapsicologia lacaniana. Tradução de Hugo Lana. *Lacuna: uma Revista de Psicanálise*, 28 abr. 2017.